

MARIA ISABEL DE SOUSA MARTINS

---

# A NÓDOA DA AMORA

---

PEÇA EM UM ACTO



EDIÇÃO DA ATLANTIDA

5















A Meu prezado amigo  
Fernando Pessoa com  
grande admiracao pelo  
seu talento, e com mu-  
ta amizade offerces

## A Nódoa da Amora

Maria Cabral de Louca Martin







MARIA ISABEL DE SOUSA MARTINS

# A NÓDOA DA AMORA

—  
PEÇA EM UM ACTO



EDIÇÃO DA ATLANTIDA



A MODA  
DA AMORA

UMA NOVA MODA





# A Nódoa da Amora

---

Personagens } HELENA, 20 anos  
                  } PEDRO, 25 anos  
                  } JOANA, ama de HELENA, 50 anos

A acção passa-se no campo. Quarto de *toilette*, elegante, mas simples. Janelas ao fundo. Cortinas grandes de cassa branca, bordada, presas aos lados com laços de sêda côr de rosa. À direita uma porta que deita para um quarto de dormir; à esquerda, outra que deita para um corredor. Guarnecem o quarto os seguintes móveis, todos pintados de branco: guarda-vestidos, toucador, uma estantezinha com livros, uma secretária, uma *chaise longue*, forrada de cretone côr de rosa, sôbre a qual devem estar almofadas de vários tamanhos e feitios. Duas cadeiras da Ilha com grandes almofadas presas às costas com laços. Um biombo, uma mesa junto à *chaise-longue*, sôbre a qual se vêem ilustrações, livros, jarrinhas, retratos, etc. À beira da mesa um retrato de rapaz, um pouco maior que os mais retratos, tendo flores ao lado. Sôbre os móveis vêem-se vários *bibelots*, flores e *chachevots* com plantas. Um *carpet* inglês côr de rosa.

## SCENA I

Instantes depois de ter subido o pano, Joana sai da porta, que fica à direita, a do quarto de Helena. Traz cara apoquentada; dirigindo-se às janelas abre as portas de dentro. Sai pela porta da esquerda, Linda manhã de primavera. Ouve-se fora o alegre chilrear dos pássaros. Quási em seguida Helena assoma à mesma porta. Veste um elegante roupão lilás. A sua attitude é estranha, como que assustada; depois, parece cair em si, e dirigindo-se rápidamente para junto da



mesa senta-se na *chaise-longue*, pegando no retrato maior que está sôbre a mesa. Vai a beijá-lo com amor, mas pára, como sentindo falso o impulso, beija-o com o respeito com que se beija um morto; pousando-o de novo sôbre a mesa fica-se a olhá-lo tristemente. Depois, suspirando, levanta-se com ímpeto; dirige-se à janela da esquerda, abre a vidraça, respira sôfregamente. O sol ilumina-lhe o rosto.

JOANA, entrando com o chocolate

Fez a menina muito bem em se pôr a pé. Para que lhe servia estar na cama a scismar? . . . E então, com uma manhã destas, até era pecado. Levantar cedo é que dá saúde. Era o que a menina devia fazer todos os dias; levantar-se e ir dar um passeio por essa quinta abaixo, pela fresquinha. É um regalo ouvir os passarinhos . . . Veria como se achava melhor . . . Olhe para mim; velha, mas rija que é uma beleza, graças a Deus!

HELENA, que tem estado como alheia a tudo, reparando em JOANA

Ah! sua teimosa! foi buscar-me o chocolate. Você bem sabe que não posso tomar nada logo de manhã.

JOANA

Bem sei, menina; mas como à noite não quis tomar o leite, deve estar numa grande fraqueza, e isto assim não vai bem. O pesadelo desta noite, cá para mim, não foi senão fraqueza.

HELENA

Não me faça lembrar . . .

JOANA

Ora vamos lá a ver . . . Coma ao menos um palitinho . . .



HELENA

Pois sim, para lhe fazer a vontade. Sempre teve a mania de dar de comer . . . (Tira um palito e come) Olhe, ama: como passou a mãe a noite? Estava há pouco tão aflita, que nem me lembrou perguntar.

JOANA

Como costuma . . . A senhora condessa sempre mal e agora, como se tem mexido mais com a vinda para a quinta, por causa da saúde da menina, pior. Esta noite teve ela uma falta de ar! . . .

HELENA

Ó amazinha! . . . Não diga nada do que eu lhe contei, não? Pobre mãe, como ela se enganou, pensando que a vinda para aqui me faria bem! Sinto-me aqui muito pior. Sabe, ama: o Pedro conseguia com a sua conversa e os seus conselhos animar-me. O meu mal não é do corpo: é do espírito . . . Êle tem tanta pachorra e é tão bom; era tão amigo do Jorge. (Recordando-se) Mas que sonho, ama, que horror de sonho . . . (Pega outra vez no retrato) Jorge, meu querido Jorge, diz-me que não estás zangado, que não me julgas ingrata; tu bem sabes que o não sou. Que olhar tão triste! pareces-me hoje mais triste do que o costume. Pobre Jorge! . . .  
(Chora nervosamente)

JOANA

Então, menina, voltamos à mesma? . . . O menino Pedro . . . Ai! agora menino! o senhor doutor: êle — agora já não é menino, mas pelo costume não



me ageito a chamar-lhe doutor — estava tão contente com as suas melhoras quando viemos para aqui, e hoje, pela primeira vez que êle cá vem, encontra a menina desta maneira . . . Isto não tem geito . . . Êle vai ralhar, e faz muito bem.

HELENA

Que quiere, ama? Estou debaixo desta impressão . . . Que infelicidade a minha, amazinha! . . .

JOANA

É natural que a menina tivesse pena do senhor D. Jorge. Êle era muito bom! lá isso era! Deus lhe fale n'alma e o tenha lá no Reino da Glória! Era muito seu amigo . . . Mas também a menina é muito nova, e essa tristeza ainda lhe vem a passar . . . Oh! se vem! . . . Olhe: quando me morreu o meu Joaquim, eu até quis morrer com êle; mas depois foi-me passando, e quando conheci o meu Manuel, gostei tanto dêle que do Joaquim, coitadinho! por mais que scismasse nem já me lembrava da côr dos olhos. Já lá estão ambos! E quando morreu o Manuel — Deus me perdoe! — já não fiz tanto alarido como do primeiro . . . Já sabia que com o tempo tudo passa . . .

HELENA, horrorizada

Cale-se, ama, por Deus! Prometi ao Jorge nunca o esquecer, e não o esquecerei . . .

JOANA, encolhendo os ombros

Pois sim . . . A menina ainda há-de ter muito



quem a queira e a quem a menina queira também Verá . . .

HELENA, terna

Cale-se, ama: já lho pedi.

JOANA, mudando de conversa

Que lindo dia . . . , mas o sol já aquece (Vai como para cerrar as janelas. Reparando, exclama com alegria) Olha quem ali vem: o menino Pedro . . . Êle também não dormiu a manhã na cama, não senhor . . .

HELENA, surpreendida, pondo-se de pé com interêsse

O Pedro? Já! Mas então em que combóio veio êle? (Espreita pela vidraça) É êle, é . . . Julguei que fôsse brincadeira sua . . . (Disfarçando o entusiasmo) A ama, que embirra tanto com os médicos, do Pedro gosta, não é verdade? (Sai do pé da janela para defronte do toucador).

JOANA, vai indo para a porta

Sempre gostei muito do menino Pedro . . . Agora, como médico, deve ser tão bom como os mais . . . (Ouvem-se ao longe passos no corredor. Joana abre a porta, Helena dá um pequeno arranjo ao cabelo e vem sentar-se na *chaise-longue*).

JOANA, falando para fora

Seja muito bem vindo! Que madrugada foi esta? Só o esperávamos ao combóio do meio-dia. Isto é que foi uma surprêsa! Entre! . . .

PEDRO, fora

O quê, para aí? A Helena já está visível a estas horas? Bravo! bravo! . . .



JOANA

Faça favor de entrar, que a menina Helena já está a pé há que tempos.

---

SCENA II

PEDRO, entrando

Adeus, ama; como tem passado? (Para Helena) Mas que grande surprêsa para mim vê-la a pé. Faz-lhe muito bem à saúde, sabe? Então como se tem dado cá pela quinta? Está melhorzinha? . . . E sua mãe?

HELENA

Sinto-me na mesma, aqui como em toda a parte; ou talvez pior aqui. . . . A mãe, essa, coitada, passa sempre mal.

PEDRO

Os ares são muito puros: deve por fôrça fazer-lhe bem. . . ., se tiver juízo, está claro. (Para a ama) Que tal se tem ela portado por cá? A ama é que está esplêndida. . . . Ainda está capaz de enterrar o terceiro. . . . Vale mais que as raparigas.

JOANA, indo buscar a chícara

Não diga isso, menino Pedro. . . . Ai! desculpe! Nunca me lembro que já é senhor doutor!

PEDRO

Mas para si continuo a ser o menino Pedro. . . .



(Para Helena) Sabe, Helena, que se não estivesse levantada, não teria tido hoje o prazer de a ver?

HELENA

Então ainda bem que estava. Mas explique-me isso melhor. . . Não percebo porque me não havia de ver?

PEDRO

Pelo simples motivo de ter de partir daqui a uma hora.

JOANA

O quê? Vai-se embora?

HELENA

Não passa o dia connosco?

PEDRO

O que bastante me contraria, mas não há outro remédio. . . Tenho de estar de volta no combóio das onze.

HELENA

Ainda não disse porquê.

PEDRO

Uma operação a que não posso faltar.

JOANA

E a tal operação é feita pelo meni. . . (Corrigindo)  
Pelo senhor doutor?



PEDRO

Não: eu só ajudo. Por enquanto só tenho cortado nos mortos, que, coitadinhos, se não queixam, nem me tornam responsável pela morte dêles.

HELENA, contrariada

Logo havia de ser hoje essa operação... tudo assim...

PEDRO

Não calcula como fiquei aborrecido; mas é um caso grave, não podia ser adiado.

HELENA

E o Pedro, coitado, ainda se veio maçar até cá! Vai ficar cansadíssimo...

PEDRO

O prazer de a ver compensa bem o caminho; e, depois, não acho longe. É só hora e meia...

JOANA

O que podia era ter mandado um telegramazinho...

PEDRO

Sim, podia; mas não tinha a certeza de que chegasse aqui antes do meio-dia, e a essa hora chegava o combóio em que eu devia vir. Como tinha tempo, achei muito mais agradável vir eu mesmo...

HELENA

Sempre muita bondade da sua parte...



PEDRO

Oh! Helena, por quem é!...

JOANA

Com que então, nem ao menos fica para almoçar?

PEDRO

Não é possível. Voltarei amanhã ou quando mandarem. Tenho sempre o maior prazer em cá vir.

HELENA

Amanhã e sempre que o Pedro queira... Julgo que não está à espera de convite para vir cá. Sabe bem quanto todos nós somos seus amigos...

PEDRO

Tudo favores que eu não mereço...

HELENA

Está hoje duma modéstia encantadora!...

JOANA

Mas já que não almoça, há-de por fôrça tomar um chocolatezinho. Já lhe fui buscar a chícara...

PEDRO

Não tomo nada, muito obrigado.

HELENA

Toma chocolate para me fazer companhia...



PEDRO

Manda?

HELENA

Peço...

PEDRO, sorrindo

Nesse caso é uma ordem... (Helena serve Pedro)

HELENA, oferecendo bolos

Bolos?

PEDRO

Isso não, muito obrigado.

JOANA, para Helena

Depois venho pela bandeja...

HELENA

Sim, ama. (Joana sai).

---

SCENA III

PEDRO

Reparei agora melhor em si, Helena. Acho-a mais abatida... Isso não pode ser...

HELENA

Olhe, para lhe falar com toda a franqueza, sinto-me aqui muito pior. Estou só; tenho mais tempo para pensar em cousas tristes... Era escusado sair de Lisboa. Há males que se não curam com mudança de ares...



PEDRO

Quere então deixar-me mal da primeira cura que empreendo?

HELENA

O meu mal não é do corpo, e os médicos não têm obrigação de curar o mal que nos mortifica o espírito.

PEDRO

O seu mal, Helena, podia mais depressa ser curado por um rapaz interessante e de espírito do que por mim, apesar de médico . . .

HELENA

O que quere dizer? . . . Não compreendo . . .

PEDRO

É muito simples . . . Quero dizer que, falto de espírito e de interêsse como sou, sinto-me incapaz de a distrair, e portanto de a curar.

HELENA

Oh! Mas que idea! Se assim fôsse . . . decerto o Pedro, como ninguém, já me teria curado.

PEDRO

Não busquei a amabilidade, creia . . .

HELENA

Também não procurei ser amável; disse o que sinto e o que penso . . .



PEDRO disfarçando, depois duma pausa

Vamos lá a saber: o que tem feito por cá?

HELENA

Nada, ou quási nada. Passeio, às vezes; mas uns passeios muito pequeninos... Ainda não fui ao fim da quinta, — veja lá! Maça-me andar muito...

PEDRO

E à noite, o que fazem? Deita-se cedo?

HELENA

Deito-me em sendo onze horas.

PEDRO, rindo

Muito bem... Mas lê até de manhã, não é verdade?

HELENA

Até de manhã... não!...

PEDRO, sorrindo com delicada ironia

Até de madrugada...

HELENA

E é o que me vale... Olhe: esta noite, por exemplo, que adormeci cedo e não li... foi bem pior...

PEDRO

E então que mal lhe proveio disso?



HELENA

O ler nunca me fez tanto mal, como o horrível sonho que tive esta noite . . .

PEDRO, admirado

Um sonho? . . .

HELENA

Sim: um sonho do qual me fiquei julgando a pior das mulheres . . .

PEDRO

Estou cheio de curiosidade em ouvir como a Lena poderá ser a pior das mulheres . . .

HELENA

Pois olhe, é pena, porque eu não lho conto . . .

PEDRO

A um médico diz-se tudo. Pode ser importante para a sua cura. Tenha paciência, mas tem de contar.

HELENA

Ora essa! Mas o que pode ter o meu sonho que ver com a sua ciência? . . .

PEDRO, sorrindo

Pode muito bem ter . . .

HELENA

Não conto . . . Não posso contar . . .



PEDRO

Vá . . . ande . . . conte lá . . .

HELENA, muito natural

O Pedro acredita em sonhos?

PEDRO

Absolutamente . . . Mas só de cousas passadas . . .

HELENA, distraidamente

Oh! não conto! O Pedro fica fazendo má idea de mim . . .

PEDRO

Podia lá nunca formar uma idea em seu desabono!

HELENA

Imagine, Pedro, que sonhei com o Jorge . . .

PEDRO

Com o Jorge? . . .

HELENA

Sim, com o Jorge . . . Tambêm, é o meu pensamento fixo . . . É natural . . . O que eu estranhei foi o sonho . . .

PEDRO

Devia distrair-se e, quando êsses pensamentos tristes a assaltam, não se abandonar a êles, reagir . . .



HELENA

Não diga isso... Eu quero exactamente que este pensamento não me abandone um instante. Prometi ao Jorge não o esquecer à hora da morte...

PEDRO

Bastava que se lembrasse algumas vezes... Viver só para essa idea não é possível... A sua saúde não lho permite...

HELENA

Parece impossível que o Pedro diga isso!

PEDRO

Estou certo que o Jorge, no meu caso, gostando de si como gostava, lhe diria o mesmo.

HELENA

Bem, agora já não o interessa o meu sonho? Sonhei com o Jorge, que estava muito mal... quasi a morrer, prostrado no leito. Eu não despregava os olhos d'ele, como para gozar bem os últimos momentos da sua companhia... Pouco a pouco, a sua imagem vai-me desaparecendo... e em seu lugar vejo alguém que me sorri com ironia... Como doida, chamo pelo Jorge, que me não responde... Quero fugir, mas então esse alguém que me sorria tolhe-me os passos, e eu, em vez de me revoltar, de gritar, como era natural, fiquei a conversar sobre não sei quê de somenos importância, sem desgosto algum pelo que se estava passando.



(Exaltada) Como me poderia ser indiferente ver desaparecer uma pessoa para mim tão querida como era o Jorge? Êste sonho fez-me um mal horrível... Diga-me, Pedro: devo ser muito má para ter tido um sonho dêstes, não acha?

PEDRO

Não vejo porquê... Acaso se é responsável pelo que se sonha?

HELENA

Isso não se é...

PEDRO, com interêsse

E lembra-se de quem era êsse alguêm que lhe sorria?

HELENA, confusa

Não... não me lembro...

PEDRO, com intenção

É pena!

HELENA

Não sei porquê? Também era preciso para a minha cura? (Mudando de assunto) O Pedro nunca sonha?

PEDRO

Às vezes.

HELENA

Os seus sonhos devem ser côr de rosa... Palavra que me interessava imenso ouvir um.



PEDRO

Quere ouvir o meu sonho de cada dia?

HELENA, sorrindo

O Pedro não conta...

PEDRO

Não é nada que a possa interessar.

HELENA

Porque não havia de interessar, tratando-se de si... (Disfarçando o interêsse) Nunca me esqueço de quanto o Pedro era amigo do Jorge...

PEDRO

O Jorge e eu fomos sempre bons amigos...

HELENA

Bem sei... e daí a minha grande estima por si... Pobre Jorge, que infeliz!...

PEDRO

Não o lamente, Lena... Jorge foi o mais feliz dos homens...

HELENA

Como pode isso ser, se morreu tão novo?...

PEDRO

Também não se me dava morrer já, se deixasse para me chorarem uns olhos como os seus, Helena...



HELENA, atalhando

Ah! como o Pedro está hoje! Nunca o tinha visto assim, a dizer cousas bonitas... E tem jeito... O que são é mal empregados os galanteios. (Olha furtivamente para o espelho).

PEDRO, atalhando

Acha? Mas concorda com êles, ao menos?...

HELENA

De maneira nenhuma!

PEDRO

O seu espelho afirmou-lhe que não mente?

HELENA, disfarçando

O espelho?... Hoje decididamente não o entendo...

PEDRO

Se eu morresse ninguém sentiria a minha morte... Ninguém sonharia comigo... Não há comparação... Eu sou bem mais infeliz!...

HELENA

Está decerto gracejando, ou é excesso de modestia? O meu sonho foi até bem pouco simpático à memória do Jorge. Vê-lo desaparecer e não sentir quasi pena... poder distrair-me... Eu bem não lho queria contar...

PEDRO

O seu sonho é bem verdadeiro, Lena.



HELENA

Nesse caso sou eu muito má? . . . É o que me  
quiere dar a entender? . . . Há pouco disse-me que  
se não era responsável pelos sonhos . . .

PEDRO

Mas, pelo amor de Deus, Helena, repito-lhe que  
nunca pensaria seja o que fôr contra si . . . A Lena  
não quiere perceber . . .

HELENA

Então?

PEDRO

Por muito que a Lena gostasse do Jorge, não é  
natural que o seu desgosto, passados já dois anos  
sôbre a sua morte, se não tenha ido, pouco a pou-  
co, tornando menos doloroso. A nossa imaginação  
acostuma-se às ideas mais cruéis, e quanto mais se  
sofre num dado momento tanto maior é a impossi-  
bilidade de se continuar sofrendo igualmente pelo  
mesmo motivo: a vida seria um tormento se o  
tempo não fôsse apagando as maiores paixões,  
deixando apenas a recordação.

HELENA

Mas do Jorge não me deve restar apenas uma  
recordação.

PEDRO

Creia, Helena, que o seu sonho prova bem que  
a Lena se julga obrigada a sentir pelo Jorge, toda



a vida, um desgosto igual ao que sentiu no momento da morte..., e, como o não sente já assim...

HELENA, com indignação

Não sinto?! Oh! Pedro!...

PEDRO

Não sente, não... e por não sentir revolta-se contra si mesma... e hoje a sua apoquentação (sorrindo) é não estar tão apoquentada como queria... É isto ou não é?...

HELENA

Foi pela ciência que chegou a essa bonita conclusão?

PEDRO

Não... pela razão apenas...

HELENA

Ainda bem!... porque duvidaria que fôsse capaz de me curar com uma ciência que levasse a tão extraordinárias conclusões...

PEDRO

Parecem-lhe extraordinárias? Pois creia que o não são. E a Lena está tão convencida desta verdade como eu...

HELENA

O Pedro não está decerto em seu juízo!... Assim retiro-lhe toda a minha amizade...



PEDRO

Sim? E o que me dá em troca da... grande estima que lhe tenho?...

HELENA

Nada... Não acredito já na sua estima.

PEDRO, vendo o relógio

Oh! é tardíssimo!... Vou-me embora.

HELENA

Já são horas do combóio?

PEDRO

Já. Tenho o tempo necessário de chegar à estação. (Apertando-lhe a mão) Não será talvez preciso vir amanhã?...

HELENA

Não; sinto-me agora bem... Vir aqui é um grande incómodo para si...

PEDRO

Para mim, não... Mas concordo que para a Lena deve ser muito desagradável tornar a ver amanhã... uma pessoa... a quem já não tem amizade...

HELENA

E tive toda a razão para deixar de ser sua amiga...



PEDRO

Está bem . . . Virei então daqui a um mês.

HELENA

Daqui a um mês? (Joana vem entrando devagar, esconde-se por detrás do biombo e, conforme o que ouve, vai fazendo trejeitos de satisfação ou descontentamento).

PEDRO

Adeus! (Vai a sair) Recomende-me a sua mãe, Helena, sim? . . .

HELENA, como tendo uma idea

É verdade, Pedro: a mãe também o queria consultar. Ainda esta noite, coitada, teve uma grande falta de ar.

PEDRO

Sua mãe fa-lo há sómente por amabilidade para comigo . . . O médico assistente é magnífico.

HELENA

Não; mas a mãe tem muita fé no Pedro . . .

PEDRO

Então, quando sua mãe mandar, voltarei.

HELENA, com muito interêsse

Quando?

PEDRO, com intenção

Daqui a uns quinze dias . . .



HELENA, fingindo indiferença

Está muito bem. Então até daqui a quinze dias.

PEDRO

Adeus, sim? (Frisando bem) Até daqui a quinze dias. (Vai a sair).

HELENA, com ímpeto

Mas olhe lá, Pedro... Se viemos aqui para a quinta, foi por seu conselho. Agora, não me parece justo deixar-nos aqui metidas... e não nos vir fazer companhia. (Joana faz cara radiante atrás do biombo).

PEDRO

É que julguei desnecessárias as visitas de pessoas a quem se não estima.

HELENA

Mas minha mãe não tem razões para o não estimar... Eu, dantes, também o estimava muito...

PEDRO

Mas já me não estima agora...

HELENA, fingindo gravidade

Agora?... já não... Mas...

PEDRO

Então?

HELENA

Então!? O seu dever é vir o mais possível por



causa de minha mãe. Se fôsse amável, viria até... muitas vezes.

PEDRO, intencional

Acha?! ... Sua mãe é assim tão minha amiga?

HELENA, baixando os olhos

É. É muito! É extraordinariamente sua amiga!

JOANA, atrás do biombo

Pede o guloso!...

PEDRO

É curioso!

HELENA

Então. São gostos.

PEDRO

Devo pois voltar...?

HELENA

E não faz mais do que o seu dever.

PEDRO

Quando?

HELENA, terna

Amanhã, por exemplo? Agora, adeus!

PEDRO

Bem! (Beijando-lhe a mão) Até amanhã, Helena! (Helena não podendo disfarçar a ternura, corre à janela para o ver ao longe).



JOANA, saindo detrás do biombo

Sim senhor... É um bom médico, não haja dúvida!... A menina cura êle, com certeza. Ai! ai!... É bem certo o ditado: «A nódoa da amora... com outra verde se tira».

CAI O PANO



























9